

A Desfiguração do Eu: Dead Inside, um livro de artista e uma exposição de São Trindade

*The Disfiguration of the self:
Dead Inside, an artist book and an exhibition
of São Trindade*

ALICE GEIRINHAS*

Artigo completo submetido a 22 de janeiro de 2017 e aprovado a 5 de fevereiro de 2017

*Portugal, artista visual, professora. Doutoramento em Arte Contemporânea, Universidade de Coimbra Colégio das Artes (CA). Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas, Universidade do Porto, Faculdade de Belas-Artes (FBAUP). Licenciatura em Escultura, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes (FBAUL).

AFILIAÇÃO: Universidade de Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologias, Departamento de Arquitetura. R. Colégio Novo, 3000-143 Coimbra, Portugal. E-mail: gxalice@gmail.com

Resumo: Esta comunicação pretende abordar a exposição da artista São Trindade, *Dead Inside* realizada no âmbito do projeto Quarto 22 do Colégio das Artes, Universidade de Coimbra, 2016. Num espaço circular, branco, desenhado pelo arquiteto João Mendes Ribeiro, São Trindade dispõe 22 imagens (fac-similes) retiradas fotograficamente do seu livro de artista em contínuo processo e inacabado. O livro, *Dead Inside*, foi iniciado em 2005, interrompido cerca de dez anos e reiniciado em 2015. Da primeira fase do livro constam 12 páginas/imagens e da segunda fase, 34 páginas/imagens realizadas entre 2015 e 2016.

Palavras-chave: fotografia / autorretrato / autobiografia visual.

Abstract: *This communication intends to analyse the exhibition of the artist São Trindade, Dead Inside, realized in the scope of "Quarto 22", a project from College of Arts, University of Coimbra. In a circular and white space, designed by the architect João Mendes Ribeiro, the artist São Trindade shows 22 images (fac-similes) photographed from her artist book in a continuous and unfinished process. The book Dead Inside was started in 2005, interrupted about ten years and restarted in 2015. The first phase of the book includes 12 pages/images and the second phase, 34 pages/images made between 2015 and 2016.*

Keywords: *photography / self portrait / visual autobiography.*

Introdução

A matriz das imagens é fotografias, autorretratos, retiradas do arquivo da artista e recriadas a partir de colagem, desenho e pintura. Digamos que o gesto de fotografar, de se fotografar a si-mesmo e de re-fotografar, está na gênese deste projeto, na quer na matriz quer na reprodução dos fac-similes.

Segundo a artista, algumas das fotografias da primeira fase de *Dead Inside* remetem para um outro projeto, *Bad liver and a broken heart*, exposição realizada em 2006 na K Galeria, espaço do coletivo Kameraphoto (formado em 2003 pelos fotógrafos Céu Guarda, Guillaume Pazat, Sandra Rocha, Pedro Loureiro, entre outros e terminado em 2014) com a curadoria de António Júlio Duarte. Desse projeto expositivo constam 14 fotografias a preto e branco que deu origem em 2012 a um livro de artista editado pela editora independente Ghost Editions (formada pelos artistas Patrícia Almeida e David-Alexandre Guéniot) e reeditado em 2015.

As 22 imagens que formam o Quarto 22 repetem o formato do livro de artista, (42,7x 30 cm) e o próprio livro, uma vez que são reproduzidas fotograficamente. Há aqui uma inversão de conceitos e de regras de jogo no que se normalmente se reproduz e o que é considerado original. As imagens expositivas são abordadas como múltiplos, fac-similes possíveis de serem reproduzidos e o livro, a obra original e exemplar único, não reproduzível no sentido da edição e da publicação do livro.

A fotografia e o desenho, o gesto do desenho, o gesto de fotografar, o gesto de colar, compor, sobrepor, o gesto de pintar, o gesto de re-fotografar, traduzem os meios escolhidos pela artista para abordar a questão do corpo e neste caso o corpo da artista também como *medium* da obra.

Desfiguração do Eu

Esta série de imagens parte do ato fotográfico e ligado à perda de aura da obra de arte pela possibilidade de se reproduzir como Benjamin declarou no seu texto “A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica”, o autorretrato fotográfico é justaposto com as técnicas de pintura e associado assim com uma materialidade, densidade e temporalidade que a fotografia não contém (Medeiros, 2000). As composições visuais de São Trindade partem de autorretratos fotográficos, mas pela sua recolocação, transformação através da colagem e da pintura passam do plano da autorrepresentação para o plano da autobiografia visual. Há uma intensidade dramática e uma narrativa inerente neste conjunto de 22 imagens: o corpo da artista é um corpo-memória, um corpo-estória, um corpo-eu, um corpo máscara desfigurado, onde a confluência entre o “eu



Figura 1 · Vista geral da exposição Dead Inside, de São Trindade, Colégio das Artes, Universidade de Coimbra. Fonte: Vitor Garcia

real” e o “eu autobiográfico” funciona como máscara que esconde não só o eu real mas que o desfigura para acabar reconstruindo-o. O impulso autobiográfico é constituído por metáforas, memórias e linguagem (De Man, 1984); o “eu” é diluído através da metáfora e neste caso, da estrutura da linguagem visual e transforma-se num eu fantasma, desconstruído, um fac-simile.

Segundo Lejeune a autobiografia é constituída por um triunvirato de identidades: autor/narrador/protagonista. A privacidade do autor ao identificar-se como narrador e protagonista torna-se pública. Escrever sobre nós mesmos, antes de ser um ato narcisista é uma atividade normal que, como a ficção, pode mobilizar todas as formas de arte. E o que une a autobiografia escrita (o eu escrito) e o visual (o eu fotográfico, cinematográfico, pictográfico) é o desejo do traço, da inscrição sobre um suporte duradouro, um desejo de constituir séries ao longo do tempo. Têm também em comum o desejo de construir o olhar do outro sobre si próprio. (Guasch, 2009:17). Por um lado, São Trindade remete para esta construção do olhar do outro sobre si próprio e por outro, para a

questão do pacto fantasmático na autobiografia. Não temos a confirmação se há uma correspondência entre a vida da artista e as narrativas sugeridas nas imagens ou se esta construção é uma ficção, a ficção que Lejeune considera mais profunda e verdadeira, pois não se resume a narrar a vida e a revelar a natureza humana, mas revela os fantasmas do autor/artista, formando-se assim o pacto fantasmático. (Lejeune, 1980) *Je est un autre*, permanece como conceito central na noção de pacto e Lejeune propõe que o autor é o efeito de um contrato: a forma autobiográfica não é o instrumento de expressão de um sujeito preexistente, mas antes aquilo que determina a existência do sujeito. (Lejeune, 1980: 242) A fragmentação do eu sempre pouco revelado e a preto e branco nesta série da artista pressupõe um corpo plural sem a lógica do passado e do presente. “Que corpo? Temos vários” (Barthes, 2009:175) e a impossibilidade de nos vermos a nós próprios senão como imagem — ao espelho, fotografada — ou através do Outro, o que implica distanciação. (Barthes, 2006) O corpo de São Trindade é um corpo plural que a artista nos dá a ver/ler: um eu fragmentado como um *patchwork* (Barthes, 2009), um eu- fantasmático. Através dessa fragmentação cabe ao espectador criar os lugares referenciais entre todos os fragmentos (retalhos), é o espectador que deve estabelecer as ligações, conexões e desconexões da manta de retalhos. O autobiográfico propõe e o espectador dispõe. A sequência narrativa das imagens foto-desenho indica-nos o lado performático desta série, do que não é verdadeiro nem falso mas que remete para uma ação associada a uma ideia de representação fotográfica, um jogo mimético e mecânico que o autorretrato fotográfico possibilita: construir, destruir, ficcionar o eu (Medeiros, 2000). Uma mulher-corpo (um corpo que sangra) que nos liga a um ovário monstro ou uma mulher sem rosto que flutua talvez numa bactéria microscópica ou numa célula cancerígena. Acrescente-se que o espaço circular do Quarto 22, desenhado pelo arquiteto João Mendes Ribeiro, transmite por si só uma impressão hospitalar. A estrutura de metal pintado de branco, como as camas hospitalares, a cortina branca a toda a volta como as divisórias das enfermarias produzem essa sensação de espaço inócuo, espaço-cura, espaço-doença. Essa sensação é ampliada porque sabemos que o edifício onde se situa o Colégio das Artes foi um hospital ativo até meados dos anos 80 do séc. XX.

A narrativa performativa fotográfica em *Dead Inside*, os recortes e detalhes dos 22 autorretratos são retirados do arquivo pessoal da artista. Como já referido, fazem parte de um outro trabalho da artista *Bad Liver and a Broken Heart*, uma sequência performática e encenada de autorretratos da artista, onde a identidade (o rosto) é sempre escondida. O eu fragmentado é aqui disseminado e o corpo da artista é transformado em corpos (duplo) de mulheres mortas ou



Figura 2 - São Trindade, S/título, 42,7 x 30, colagem, fotografia, pintura com materiais vários, desenho Fonte: São Trindade.

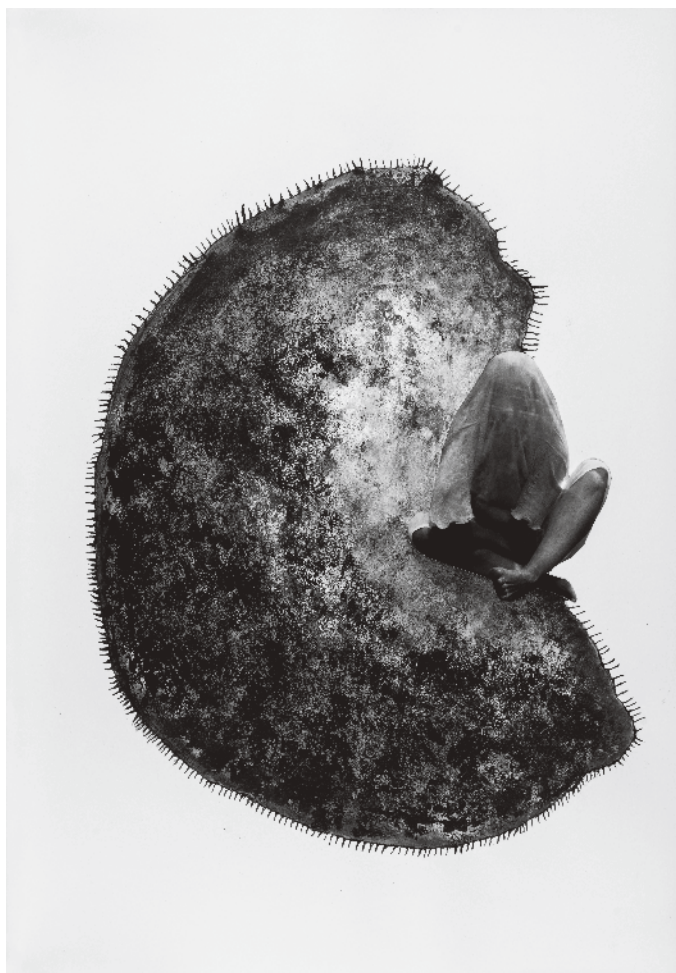


Figura 3 · São Trindade, S/título, 42,7 × 30 cm, colagem, fotografia, pintura com materiais vários, desenho Fonte: São Trindade.

quase mortas, violentadas e esquecidas. Uma duplicação de si própria, um controle de verosimilhança e de autenticidade que a ideia de autorretrato sugere. (Medeiros, 2000) *Bad Liver and a Broken Heart* situa-se no contrário de *Dead Inside*, no campo da autorrepresentação, do autorretrato fotográfico e da fotografia como performance, uma vez que descreve uma sequência de ações. E foi pensado em primeiro lugar numa exposição que originou mais tarde um livro. *Dead Inside* é o seu contrário também na sua raiz metodológica do processo artístico. *Dead Inside* é um livro de artista à priori, que se transmute, metamorfoseia numa exposição de imagens fac-similes.

No entanto, a justaposição entre *Bad Liver and a Broken Heart* e *Dead Inside*, está para além das diferenças ou semelhanças. Remete para um ir e vir na metodologia artística, uma obra que leva a uma outra e assim sucessivamente, que se expande no espaço-tempo, um registo autobiográfico visual composto por fragmentos sem referência ao passado ou ao presente (Barthes). É também na justaposição entre o autorretrato e a pintura que a narrativa autobiográfica se desenrola e se cruza: na colagem, no gesto de fotografar, no gesto de pintar e por último no gesto de re-fotografar.

Conclusão

Este projeto de São Trindade remete-nos para a questão do autorretrato fotográfico da produção contemporânea, visto como um suporte de fantasias e devaneios, onde o sujeito fotografado se pode transformar em objecto, ou se pode fragmentar e tornar-se no outro, um eu-fantasmático, uma duplicação de si mesmo, onde se produz a ideia de verosimilhança. Remete-nos também para o carácter performativo da fotografia através da sequência de imagens e das possibilidades do registo autobiográfico. Propõe-nos ainda através da miscigenação entre fotografia e a pintura, uma construção de narrativas autobiográficas no sentido da fragmentação do eu, do patchwork, de um encadeamento de convergências e divergências num constante ir e vir, a conexão entre obras e/ou séries de trabalho, como no caso de *Dead Inside* e *Bad Liver and a Broken Heart*. Induz através do seu eu-plural a história invisível das mulheres, do quotidiano, do corpo, do informe, das secreções/excreções orgânicas, da morte, da vida. São Trindade desconstrói o eu (sujeito autobiográfico) e encontra-o no outro, pela fragmentação mas também pelo eu-fantasmático, não aquilo que sou mas aquilo que a ficção revela dos fantasmas do eu. O uso da pintura introduz uma leitura disruptiva, mostra-nos os (nossos) fantasmas, espaços exímios externos e internos onde o corpo se esconde, micro-organismos celulares, seres multi e unicelulares, invisíveis e muitas vezes invencíveis e que nos constituem como humanos que somos.

Referências

- Barthes, R. (2009). *Roland Barthes por Roland Barthes*. (J. C. Pereira e I. Gonçalves, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1975) ISBN: 978-972-44-1565-9
- Barthes, R. (2006). *A Câmara Clara*. (M. Torres, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1980)
- ISBN: 972-44 1349-7
- Lejeune, P. (1980). *Je est un Autre. L'Autobiographie de la Littérature aux Médias*. Paris: Éditions du Seuil. ISBN: 2-02-005464-7
- Medeiros, Margarida. (2000). *Fotografia e Narcisismo. O auto-retrato Contemporâneo*. Assírio e Alvim: Lisboa ISBN: 972-37-0606-7